

# ROQUE GAMEIRO



ALFREDO ROQUE GAMEIRO

A terra onde se vive, marca sempre quem nela viver, mas existe quem, por viver numa terra, marca a terra onde vive. E Roque Gameiro, por viver na Amadora, deixou aqui marcas da sua passagem e da sua personalidade, para todo o sempre. Veio ainda homem novo, viver nos arredores de Lisboa, para fugir ao bulício atordoador, ao casario empilhado e sufocante da grande Cidade e construiu, no Alto da Venteira, uma vivenda, numa zona sossegada, silenciosa, donde desfrutava um vasto panorama, propiciando-lhe um ambiente favorável à sua inspiração de artista plástico.

Retirou-se da Amadora, vinte anos depois, quando sentiu ameaçada a sua zona, pela invasão do urbanismo avassalador. Quão desgostoso ficaria se visse hoje, o seu antigo e belo solar emparedado entre os prédios da cidade...

Minde, uma pequena povoação implantada em plena Estremadura, no extremo noroeste do concelho de Alcanena, no trajecto para a Serra de Aire, conhecida pela sua indústria tradicional de fabrico de mantas, em 4 de Abril de 1864, acolheu o nascimento de Alfredo Roque Gameiro, filho de Manuel Roque Gameiro e de Ana de Jesus.

Os pais do pintor gozavam de boa fertilidade, pois tiveram nove filhos e o pai já casara em primeiras núpcias, antes de desposar a mãe de Roque Gameiro e desse primeiro casamento, nascera Justino Guedes, proprietário da Litografia Guedes, onde Gameiro iria exercer a profissão, em Lisboa.

A paisagem e o ambiente pesado e pobre da povoação onde nasceu, não chegaram a impressionar na sua consciência aquela marca indelével deixada, pelo meio ambiente, sobre as pessoas que nele vivam. Ainda criança, com apenas dez anos de idade, trouxeram-nos para Lisboa, para junto do mar, trocaram-lhe o horizonte curto e agreste da serra calcária da terra natal, pela visão larga desse mar que tanto o impressionaria e lhe deu a inspiração necessária à pintura das suas melhores obras, lhe deu o tema capaz de o celebrar: as marinhas.

Nascido junto da serra, sonhava com o mar. Queria viver no mar... ser marinheiro... oficial da Armada, mas nem sempre se conseguiu o que se quer e infelizmente, por deficiência na voz, não foi aprovado para a carreira desejada.

Mostrou desde criança, forte vocação para o desenho, chegavam mesmo a incomodá-lo, por se entreter demasiado tempo a desenhar. Estava sempre a "fazer bonecos", como depreciativamente um dos professores comentava, a seu respeito. Essa excelente vocação permitiu-lhe o sucesso profissional, como litógrafo de reconhecido mérito inventivo, demonstrado com a criação de três novos processos de litografar, dos quais pediu o registo da patente, em 23 de Dezembro de 1889. O cuidado de registar essa patente não impediu porém, a fuga culposa do conhecimento dessa técnica para o estrangeiro, porque dois dos seus colaboradores, Max Baush e John Muller saíram traçoiadamente da Companhia Nacional Editora, onde trabalhavam com Roque Gameiro e mudaram a residência para fora de Portugal e aí ensinaram os processos litográficos inventados pelo pintor português. Mas se não aproveitou os frutos financeiros da invenção desse método de trabalho, Roque Gameiro pôde orgulhar-se de se impor como um profissional dotado de capacidade fora do vulgar. Para esta especialização profissional, contribuiu bastante a aprendizagem efectuada na Escola de Artes e Ofícios de Leipzig, na Alemanha, durante três anos, mercê duma bolsa de estudo ganha pelo pintor, em concurso público realizado eventualmente nos princípios da década de 1890.

Roque Gameiro preocupava-se com a sua preparação na arte de desenhar e frequentara para esse efeito, nos anos de 1881/82, o Curso Nocturno de Desenho da Escola de Belas Artes de Lisboa, pelo qual certamente obtivera uma boa preparação técnica e artística que lhe facilitou ganhar aquela bolsa de estudo e em 1892, frequentou a Academia de Henrique Casanova, um dos seus mestres de aguarela. Assume a direcção técnica das oficinas da Companhia Nacional Editora, em 1888 e neste mesmo ano, publica-se o "Album de Costumes Portugueses" no qual se vêem obras de Gameiro. Onze anos depois, deixa de trabalhar nesta Companhia para exercer as funções de professor de desenho, na Escola Industrial Rodrigues Sampaio. A par desta carreira profissional, Roque Gameiro revela-se um pintor aguarelista notável. Estreia-se na 1.ª Exposição do Grémio Artístico, em Lisboa, no ano de 1891, com a

atribuição da terceira medalha. O sucesso deste aguarelista não parou mais de crescer, ganha cinco anos depois, a segunda medalha noutra exposição desse Grémio e em 1897, foi-lhe atribuída nessa mesma associação, a primeira medalha de Aguarela. Aproximava-se então o fim de século. Roque Gameiro vem residir para os arredores de Lisboa, na povoação designada nesse tempo, com o nome de Porcalhota. Foi ele quem projectou a sua vivenda, levantada no Alto da Venteira, depois aumentada pelo arquitecto seu amigo, Raúl Lino, em 1900. Neste ano, decorria a notável Exposição de Paris e Roque Gameiro ganhou nela, a Medalha de Ouro, ao concorrer com o quadro: "Retrato da Mãe do Artista".

O pintor entrou no nosso século, já com nome feito, consagrado pela crítica francesa. Daí para o futuro, recebia com grande frequência, prémios nas exposições onde participava com obras suas, quer em Portugal, quer no estrangeiro. No Rio de Janeiro, em 1908, realiza-se uma Exposição Internacional e Roque Gameiro é premiado com o "Grande Prix", pelas obras apresentadas nessa exposição.

Pelo Dr. Lopes Vieira



atribuição da terceira medalha. O sucesso deste aguarelista não parou mais de crescer, ganha cinco anos depois, a segunda medalha noutra exposição desse Grémio e em 1897, foi-lhe atribuída nessa mesma associação, a primeira medalha de Aguarela.

Aproximava-se então o fim de século. Roque Gameiro vem residir para os arredores de Lisboa, na povoação designada nesse tempo, com o nome de Porcalhota. Foi ele quem projectou a sua vivenda, levantada no Alto da Venteira, depois aumentada pelo arquitecto seu amigo, Raúl Lino, em 1900.

Neste ano, decorria a notável Exposição de Paris e Roque Gameiro ganhou nela, a Medalha de Ouro, ao concorrer com o quadro: "Retrato da Mãe do Artista".

O pintor entrou no nosso século, já com nome feito, consagrado pela crítica francesa. Daí para o futuro, recebia com grande frequência, prémios nas exposições onde participava com obras suas, quer em Portugal, quer no estrangeiro.

No Rio de Janeiro, em 1908, realiza-se uma Exposição Internacional e Roque Gameiro é premiado com o "Grande Prix", pelas obras apresentadas nessa exposição.

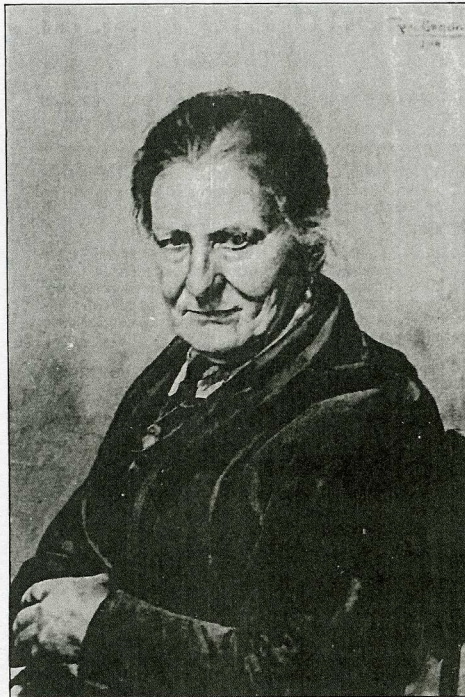
No ano seguinte, realiza já no seu atelier, uma exposição, sobretudo interessante por nela figurarem não só quadros seus mas também pinturas de suas filhas, Raquel, nascida em 1889, aguarelista discípula do pai, e Helena, mais nova do que Raquel, tendo nessa altura apenas 16 anos de idade.

Os outros filhos, Mamia e Rui eram ainda crianças de pouca idade, mas celebrizaram-se mais tarde, prestigiando o nome da família Roque Gameiro: Mamia no campo da pintura e o Rui como escultor, apesar de precocemente falecido, num desastre de viação, perto de Sintra, já depois da morte do pai.

Implantada a República, discutiu-se com urgência e muito interesse a composição da nova bandeira portuguesa. Roque Gameiro convivia então na Amadora, com o poeta e editor, Delfim Guimarães e ambos apresentaram, embora sem sucesso, uma proposta para a bandeira do novo regime político, formada por três faixas, verde, branca e vermelha, com um escudo armlado.

Roque Gameiro, como artista, preferia exprimir-se pela pintura e em consequência, pintou um quadro onde colocou as figuras notáveis dos pioneiros republicanos, em volta da figura imponente da República, simbolizada por uma mulher de peito nu, com barrete frígio na cabeça, empunhando uma espada e segurando a bandeira nacional. Estas iniciativas do pintor mostram a tendência política, apesar de não adoptar a militância nos partidos políticos.

Esta convivência e franca amizade entre os dois artistas produziram temas de inspiração para cada um deles: Roque Gameiro pintou um retrato bem expressivo de Delfim Guimarães e este poeta descreveu em verso, três quadros de Roque Gameiro, dedicando a cada quadro, um belo soneto, no seu estilo romântico, apaixonado,



RETRATO DA MÃE DO ARTISTA — 1904. Considerada a sua obra prima.

E com seus lábios frescos como a neve Beija a areia da praia a respirar."

O segundo quadro canta um hino à graciosidade da juventude feminina, na figura da triciana de chale e chinelos, levando uma bilha, a caminho da fonte. Por último "Trindades" mostra-nos a cena campestre do regresso de lavradores, a casa no fim do dia, depois da penosa labuta agrícola. A cena passa-se no Minho e possivelmente por isso e só por isso, Delfim Guimarães, com saudades da sua terra natal, terá escolhido o quadro para tema dos seus versos.

Arriscamo-nos a afirmar ter existido uma visível semelhança entre as sensibilidades artísticas de Roque Gameiro e de Delfim Guimarães. Ambos conservaram o gosto pela arte tradicional, ambos ficaram quase indiferentes ao "futurismo", às correntes artísticas do seu tempo. Delfim Guimarães permaneceu essencialmente romântico e Roque Gameiro prendeu-se ao género de pintura figurativa, reproduzida da natureza, retratando as coisas e as pessoas. Talvez a profissão de litógrafo, cujos trabalhos geralmente recaiam na reprodução fiel, quer de trajos tradicionais do povo, quer de costumes antigos, quer de recentes cenas retratadas, bloqueasse o seu gosto pelas "novidades" artísticas dessa época. Tal circunstância porém, não obsteu a tornar-se célebre. Considerado um dilecto discípulo do pintor Manuel de Macedo, aprendeu ainda com Henrique Casanova, aguarelista espanhol, professor da família real de D. Carlos, também o consideram discípulo de Nieper e nota-se na sua obra, certa influência do aguarelista francês, Luís Leloir.

Roque Gameiro dedicou-se à pintura de impressionantes marinhas, de figuras populares, de cenas campestres e sobretudo gostava de pintar ruas típicas de Lisboa, a cidade que tanto o impressionava. A obra prima de Roque Gameiro, segundo a opinião da crítica, é o "Retrato da Mãe do Artista", com o qual ganhou a Medalha de Ouro da Exposição de Paris. Ilustrou vários livros, mas um deles liga-se à Amadora: o do poema "A Arvore", da autoria de Delfim Guimarães, escrito a propósito da Festa da Arvore, realizada em 29 de Maio de 1910, durante a qual foi recitado por aquele poeta.

No princípio deste século, apreciava-se o "humorismo" e na literatura, André Brun e na pintura,

Rafael Bordalo Pinheiro usaram-no com maestria. Roque Gameiro não se furtou a esse género artístico e usou a caricatura para retratar algumas das personagens notáveis residentes na Amadora desse tempo. Assim, deixou-nos caricaturas do poeta Delfim Guimarães, do Padre Ferreira do Amaral, do Dr. Azevedo Neves, de António Cardoso Lopes, de José dos Santos Mattos, de Libânio da Silva e de Aprígio Gomes.

Roque Gameiro, durante a sua permanência de cerca de vinte anos na Amadora, mostrou-se um habitante interessado e activo, principalmente ao dar uma prestimosa colaboração artística nas festividades e no ensino locais. Notamos a sua presença na "Festa da Arvore", para a qual desenhou um sugestivo cartaz e dedicou bastante trabalho à Escola Alexandre Herculano, fundada em 1910. Decorou este estabelecimento de ensino e apetrechou à sua custa, a sala de desenho, além de leccionar essa disciplina. A Associação dos Bombeiros Voluntários da Amadora também beneficiou da sua acção interessada pelo desenvolvimento dessa associação humanitária.

Uma dezena de anos após a implantação da República, Roque Gameiro através do Atlântico e vai expor no Brasil, obras suas e outras de autoria da filha Helena, a qual casou com o notável realizador de cinema Leitão de Barros. Em Espanha, Roque Gameiro recebeu a Medalha de Honra na Exposição Internacional de Barcelona e por essa época, elegeram-no membro da prestigiosa Real Academia de Belas Artes de São Fernando de Madrid.

Na década dos anos vinte, o pintor, por razões pessoais, decidiu precipitadamente deixar de residir no solar da Amadora, mudando a residência para Lisboa. Consta que o pintor se desgostou quando lhe deram conhecimento de tencionarem levantar prédios de habitação junto da sua vivenda, com evidente prejuízo da visão panorâmica desfrutada desse local. O pintor opoñdo-se a essa pretensão, entrou em demanda com a Câmara Municipal e por fim, a obra não chegou a concretizar-se, entretanto Roque Gameiro, já tinha decidido sair da Amadora, vendera o solar e mudara-se para Lisboa. Sua filha Raquel continuou a viver na Amadora, casou com o Arq. Ottolini e residia na casa, onde hoje está instalada a Sede do Clube Futebol Estrela da Amadora.

Quando já residia em Lisboa, a Câmara Municipal desta cidade

(continua na pág. 10)



ROQUE GAMEIRO — 1914. Caricatura da autoria de sua filha Raquel Roque Gameiro.

Atravessa-se então em Portugal, a fase agitada e revolucionária do fim do regime monárquico. O rei D. Carlos e o príncipe herdeiro tinham falecido, vítimas do atentado republicano, esperava-se a todo o momento, a Revolução popular para a implantação da República. O pintor instala nessa época o seu atelier na Rua D. Pedro V. e expõe na Sociedade Nacional de Belas Artes, no ano de 1910, recebendo a Medalha de Honra pelas suas belas pinturas.

escolhendo dentre as obras do pintor, os quadros: "A Beira Mar", "Margarida" e "Trindades". Publicou mais tarde estes sonetos, no livro "Alma Portuguesa", ainda antes do pintor ter falecido. O primeiro desses quadros, tal como o título indica, apresenta uma das "marinhas" típicas de Roque Gameiro. Sobre ele, escrevia Delfim Guimarães:

"O oceano acordou dum sonho leve,

## ROQUE GAMEIRO

galardoou-o com a Medalha de Ouro de Mérito Municipal, em 1934, e no ano seguinte, a 28 de Outubro, o pintor com 71 anos de idade, faleceu nessa povoação.

Para homenageá-lo, atribuíram o seu nome ao Jardim do Cais do Sodré.

A Câmara de Oeiras substituiu o nome do sindicalista suiço e socialista militante, José Fontana, pelo nome do Mestre Roque Gameiro, numa das ruas próximas da vivenda onde ele residiu, hoje propriedade camarária e destinada a criar o Museu local daquele ilustre pintor aquarelista. Este edifício foi doado pelos proprietários à Câmara Municipal de Oeiras nos fins dos anos 60.

Finalmente, em 1988, homenageando este notável residente da Amadora, a Câmara Municipal do nosso Município, erigiu um modesto, mas digno monumento, no Jardim da Venteira, contendo um busto de mármore da autoria de Francisco Simões e uma decoração de azulejos com pintura de Artur Bual. Deste modo, os munícipes desta cidade demonstraram saber honrar aquele ilustre artista que aqui residiu e dalgum modo prestigiou e contribuiu para o engrandecimento da nossa Amadora.